

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 45 - 52

O elogio do desencontro

Sandra Márcia Pereira

"É um não querer mais que bem querer. III.

Frêmito do meu corpo a procurar-te,  
Febre das minhas mãos na tua pele  
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,  
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te,

Olhos buscando os teus por toda a parte,  
Sede de beijos, amargor de fel,  
Estonteante fome, áspera e cruel,  
Que nada existe que a mitigue e a farte!

E vejo-te tão longe! Sinto a tua alma  
Junto da minha, uma lagoa calma,  
A dizer-me, a cantar que me não amas...

E o meu coração que tu não sentes,  
Vai boiando ao acaso das correntes,  
Esquife negro sobre um mar de chamas..."

escreve e o que lê; escritor e leitor."(2) E é o resultado deste contato que se dá no texto o que me proponho a colocar aqui: esta é a minha leitura do soneto de Florbela.

O soneto me parece estar dividido em dois blocos: A- dois quartetos e B- dois tercetos.

A palavra dominante nos dois quartetos é a primeira da dicotomia corpo- alma, que é uma entre outras duas também presentes no soneto: fogo- água e fêmel.

Em A, além de termos presente a palavra "corpo" (V1), aparecem ainda outras do mesmo campo semântico como: "mãos", "pele"(V2), "braços"(V4) e "olhos"(V5).

A sucessão "corpo", "mãos", "braços" e "olhos" sugere um esfacelamento do corpo da amante à medida em que procura o amado. Todas estas palavras estão colocadas de tal maneira que sobre elas recai uma das tônicas dos versos aos quais pertencem, como se pode notar:

Frê/ mi/ to/ do/meu/ cor/ po a/ pro/ cu/ rar  
Fe/ bre/ das/ mi/ nhas/ mãos/ na/ tu/ a/ pe  
Que/ chei/ ra a/ âm/ bar/a/ bau/ ni/ lh e a/ mel  
Doi/ do an/ seio/ dos/ meus/ bra/ ços/ a a/ bra/ çar  
O/ lhos/ bus/ can/ do os/ teus/ por/ to/ da a/ par  
Se/ de/ de/ bei/ jos/ a/ mar/ gor/ de/ fel  
Es/ ton/ tean/ te/ fo/ me ás/ pe/ ra e/ cru/ el

Que/ na/ da e/ xis/ te/ que a/ mi/ ti/ gue e a/ far  
E/ ve/ jo/ te/ tão/ lon/ ge/ Sin/ to a/ tua al  
Jun/ to/ da/ mi/ nha/ u/ ma/ la/ goa/ cal  
A/ di/ zer/ me a/ can/ tar/ que/ me/ não/ a  
E/ o/ meu/ co/ ra/ ção/ que/ tu/ não/ sen  
Vai/ boi/ an/ do ao/ a/ ca/ so/ das/ cor/ ren  
Es/ qui/ fe/ ne/ gro/ so/ bre um/ mar/ de/ cha

Além disso, para reforçar a ênfase dada ao corpo, aparecem palavras referentes às necessidades físicas "sede" (V6) e "fome" (V7).

Todos os verbos presentes nos dois quartetos que dizem respeito ao sujeito gramatical (amante) requerem um objeto (amado): "procurar" (V1); "abraçar" (V4) e "buscando" (V5), de modo que se pode perceber o nível sintagmático do poema de acordo com seu nível semântico. Explico-me: o sujeito gramatical, que é a amante, tem necessidade de um objeto, que é o amado, pois sem ele fica ria incompleto.

Já em B, logo no primeiro verso (V9), aparece a palavra "alma".

Nos dois tercetos a única palavra referente ao corpo é "coração" (V12), que constitui um caso à parte, pois é justamente tido como centro dos sentimentos, herança dos antigos gregos: "O mecanismo do amor consistia em a impressão causada nos olhos por uma dama formosa provocar o envio de espíritos até o coração, sede das emoções, donde outros espíritos informavam, no cé

se referem ao sujeito (amante), que necessitam de objeto (amado): "vejo" e "sinto" (V9), mas o último deles, no verso 13, "boiando", é intransitivo. A amante fracassa na busca do amado.

O que se dá é que a amante vê possibilidades de encontro com o amado no nível físico, porém tudo se torna mais difícil a nível espiritual: a incompatibilidade de das almas é um obstáculo intransponível:

(...) "Sinto a tua alma  
Junto da minha, uma lagoa calma,  
A dizer-me, a cantar que me não amas..."

É interessante notar que, em A, os versos que dizem respeito à amante estão no infinitivo e no gerúndio, além de realizarem uma ação sobre o amado. E esta ação amorosa, por isso mesmo, parece não estar submetida ao tempo, é vaga, imprecisa, contínua.

A partir do nono verso, no entanto, já em B, os verbos se apresentam no presente do indicativo, submetidos ao tempo. É como se o momento do desencontro entre amante e amado fosse transitório, não o sendo, porém, a busca, que é contínua por parte da amante independentemente do resultado.

Em A, o clima é de ansiedade, de busca, a apresentando um ritmo acelerado, com sete (entre oito)

versos com sílabas tônicas, sendo que isto não ocorre em B, onde se dá a frustração. Aí o ritmo se torna um pouco brando, com quatro (entre seis) versos com apenas duas tônicas.

O soneto de Florbela tem por título um dos versos deste poema de Camões:

"Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer;

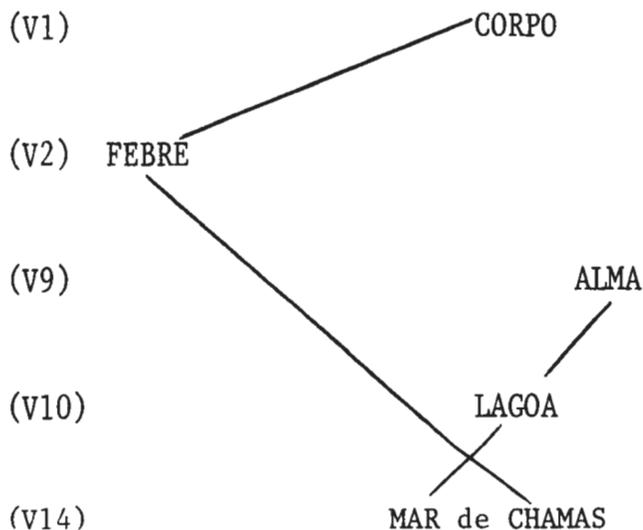
É um não querer mais que bem querer;  
É solitário andar por entre a gente;  
É nunca contentar-se de contente;  
É cuidar que se ganha em se perder;

É um querer estar preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?"<sup>(4)</sup>

A palavra tema do soneto camoniano é "Amor" e o poeta tenta defini-la através de antíteses. Não é diferente o procedimento de Florbela ao construir seu

presentam entrelaçadas em busca de uma simbiose.



Explicando: a palavra "corpo" se relaciona à palavra "febre", pois esta última está nas mãos da amante ("Febre das minhas mãos"), enquanto que "febre" liga-se à "chama" por possuírem o elemento calor em comum. A palavra "alma" vincula-se à "lagoa" porque a alma do amado é uma "lagoa calma", sendo que "lagoa" se relaciona a "mar" por terem o elemento água em comum.

A meu ver, com base nestas relações estabelecidas entre as dicotomias, o eu-lírico almeja, através do amor, atingir a plenitude do corpo e da alma simultaneamente, como um ser total, pois o entrelaçamento das mesmas antíteses desemboca na junção "mar de chamaz"

O "mel" que se relaciona com o amado ("... tua pele que cheira a âmbar, a baunilha e a mel"), é i

capaz de combater o amargor do "fel", referente a amante ("sede(da amante) de beijos, amargor de fel"), conotando a insatisfação desta última frente ao ser amado.

Sob este ponto de vista, bem se encaixa a observação de José Régio de que Florbela tinha "sede do Absoluto" e ansiava o amor de um deus, ou melhor, de Deus <sup>(5)</sup>: "Que tu és como Deus: Princípio e Fim"<sup>(6)</sup>. Mas o amado terrestre é como Deus e não Deus, o que nos leva a entender a insaciabilidade da autora.

Anteriormente me referi à busca de uma existência plena através do amor. De fato, Florbela chega a buscar o amor nos termos em que Peret definiria posteriormente como "amor sublime": "Ele (o amor sublime) implica o mais alto grau de elevação, o ponto limite, onde se dá a junção de todas as sublimações... o lugar geométrico onde se fundem, num diamante inalterável, o espírito, a carne, e o coração."<sup>(7)</sup>

E é neste espaço limite que Florbela se coloca após uma tentativa frustrada, que, entretanto, não a impede de continuar tentando: seu coração "vai boiando ao acaso das correntes"...

---

NOTAS:

- 1) ESPANCA, Florbela. Sonetos. 20ª ed., Amadora, Livraria Bertrand, 1980. p.165. Para facilitar, uso no de correr da análise a letra V em substituição à palavra verso.
- 2) LAJOLO, Marisa. "O texto não é pretexto". In: Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Por

to Alegre, Mercado Aberto, 1982. p.52.

- 3) HOLMES, George. Dante. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1981, p.24.
- 4) CAMÕES, Luís de. Lírica. São Paulo, Ed. Cultrix, 1963. p. 121.
- 5) RÉGIO, José. "Estudo Crítico". In: op. cit., nota 01. p.11-13.
- 6) ESPANCA, Florbela. op. cit., nota 01. p. 76.
- 7) PERET, Benjamin. "Le Noyau de la Comète". In: Anthologie de L'Amour Sublime. Apud: CORREIA, Natália. O Surrealismo na Poesia Portuguesa. Publicações Europa - América, 1973. p. 62-63.